

MATOS, Odilon Nogueira de. A carta de Silvio Romero a Carlos Gomes  
(1889). Correio Popular, Campinas, 19 mar. 1976.

# A carta de Silvio Romero a Carlos Gomes (1889)

Correio Popular 19-3-76

Odilon Nogueira de MATOS

Consoante o prometido em nota anterior, utilizarei hoje este espaço para a transcrição da carta de Silvio Romero a Carlos Gomes, em favor da família de Tobias Barreto, a que fiz referência; julgando nada precisar acrescentar ao que já escrevi. Documento pouco conhecido, aqui vai na íntegra:

"Maestro:

Há quatro para cinco anos, na cidade do Recife, vós fostes recebido festivamente por Tobias Barreto de Menezes, quando ali tinheis ido dirigir a representação de uma de vossas óperas. Em versos, discursos e artigos, aquele poderoso espírito significou-vos, desinteressada e altivamente, a expressão de seu entusiasmo pelo vosso nome pelo vosso talento, pela vossa glória. Era o gênio de Poesia, da Eloquência e da Crítica que saudava o gênio da Música. E as duas águas trocaram beijos, os dois leões se abraçaram!

Vós o camaveis sempre de irmão, quando o encontráveis, segundo é fama conservada pela tradição.

Pois bem: aquele a quem destes o amplexo da fraternidade e colocastes alto em vosso coração, reconhecido e generoso, acaba de encerrar sua atribulada carreira, cheia de tropeços na vida e de amarguras na morte.

Vós continuais ainda o caminho através da existência. Dilatado vos seja ele; rebenhem-se-vos flores de sob os pés; é o que sinceramente, ardentemente vos deseja o mínimo de vossos admiradores, o ignorado signatário destas linhas.

Para vos fazer um apelo em favor da viúva e dos nove filhos menores de Tobias Barreto, viúva e filhos rojados hoje na mais inteira penúria, é que me dirijo a vós.

Que diferença entre a fortuna de vós ambos, entre a estrela do músico e do crítico! Permitti que vo-ia recorde para justificar o meu pedido.

Nascidos ambos no ano de 1839 (Nota: houve aqui manifesto engano de Silvio Romero: Carlos Gomes nascera em 1836), vós sois filho do opulento Sul, e ele o foi do depouperado Norte; vós da prestimosa e rica São Paulo e ele da pequenina e obscura Sergipe.

A esta circunstância, já de si infelizmente demasiado significativa, num país viciosamente organizado como o nosso, juntou-se a diferença dos temperamentos dos dois, das índoles espirituais de ambos. Vós vos deixastes fascinar pelos divinos olhos da musa da melodia, o dolo do século; e ele o proietario do Norte teve a ingenuidade, a triste simpleza de enganar-se com as ilusões da poesia, refratária ao prosaismo petrificado de nosso pacatissimo burguês e, o que arabou de perdê-lo de vez, caiu na loucura de tentar a crítica dos desacertos intelectuais e políticos de um país ainda não adequado a certa índole de especulações desinteressadas!...

Dai por diante o abismo se tornou

mais profundo, a distância mais interminavelmente alongada entre vosso destino e o dele.

Vossa estrela avolumou-se no horizonte, galgou o firmamento da Europa, e dali despediu esses brilhos que, iluminando o céu da pátria, destacaram aureolado de imorredoura glória o vosso nome.

Todos aqui vos aplaudem; os soberanos, os principes, os grandes, os magnatas vos respeitam e este respeito é justo, porque é cimentado cá embaixo pela estima que vos consagra o povo.

Goza, illustre brasileiro, genial maestro, das merecidas aclamações de vossos patricios; vós sois hoje o filho deste país que pisa mais alto na região da fama.

Vós o mereceis e é quanto basta.

E, todavia, quão diverso foi o destino do poeta dos Dias e Noites, do crítico dos Estudos Alemães, do jurista dos Menores e Loucos, do pensador das Questões Vigentes!...

Ai! por Deus, ele merecia também muito desta pátria, para a quem foi tão pródigo de cantos entusiásticos nas horas supremas das agonias públicas, e de quem nada recebeu em vida e talvez nada venha a receber na morte, se vós, maestro amigo, e outros que, como vós, têm força e prestígio, não vierdes em prol da viúva e dos filhos desamparados do pobre sonhador.

Aberta a sua vida de espinhos, desde 1862 no Recife, de onde jamais pôde sair, chumbado ao solo, como o serviço da glória do seu dever de seus afãs, de suas penosas lutas, a estrada foi-lhe sempre escabrosa e rudíssima.

Por vossa longa residência na doce Itália, onde as justas do espirito têm algo da suavidade das cavatinas dolentes, talvez não saibas, maestro, dos quase invencíveis empecilhos que a rudeza de nossa índole opõe ainda hoje a todos os esforçados que se batem entre nós em nome da verdade estrita. Não, vós não podeis saber do assedio titânico que nos é oposto pela ignorância de uns, pela inveja de outros, pela maldade de grande numero.

Tobias Barreto foi fustigado constantemente, desapiedadamente pelo triplice inimigo durante os trinta ultimos anos de sua vida, dos quais os quatro finais foram repletos de acerbissimos sofrimentos fisicos e morais.

Não é este o lugar próprio para vos referir esses duros penares. Basta que vos afirme que nem no leito derradeiro ele foi poupado.

A sua taça de dores foi grande e o destino cruel a encheu bem cheia até o fim. O martirio do poeta e pensador foi fundo e implacável, e este inferno durou por quatro anos.

A crueza dos sofrimentos fisicos, a certeza da morte irremediável e próxima, a falta completa de meios pecuniários, a visão dolorissima da miséria futura da esposa e dos filhos, devastaram minuto a minuto o coração do inditoso escritor. Eram de índole a abrandar a crueldade de feras, e só não puderam amolentar a dureza dos inimigos!

Sobre as suas atribulações, nova fonte de sofrimentos atiraram eles até a ultima as brasas incandescentes de seus insultos.

Não é fantasia, maestro; existem documentos de tudo".

(Conclui na próxima sexta-feira)

Biblioteca Centro de memória - Unicamp

CMUHE010205